

O QUE É CIDADE

Não é difícil demonstrar a insuficiência teórica que permeia as discussões e a maneira habitual de se definir cidade, rural, campo urbanizado e outras configurações espaciais. Sim, são configurações espaciais (geotipos) que costumam ser interpretadas e definidas a partir de características não-espaciais. Prevalece o descritivismo econômico e, às vezes, com alguma relutância, um subdescritivismo sociológico. Surge daí a ideia da cidade como sede, como localização, como *palco inerte* de atividades e de coisas.

Mas se a cidade, e outras configurações urbanas (“subúrbios americanos”, geotipos periurbanos, campo urbanizado) e o rural são geotipos é lógico que essas ocorrências comportem uma definição, antes de tudo, espacial. Definir em termos espaciais não é descrever o que existe no espaço (o espaço como mero reflexo de outras coisas) e sim mostrar como a dimensão espacial compõe o ser do fenômeno (é uma dimensão ontológica da coisa).

Buscar a dimensão espacial dos geotipos traz muitas vantagens e é produtivo (possui valor heurístico). A produtividade vem do quase ineditismo da abordagem espacial em relação a fenômenos sociais e por tudo que ainda pode ser revelado sobre o funcionamento das formas sociais. Vários pensadores insistem pela inclusão da dimensão espacial no processo constitutivo das formas sociais. Mas isso é um novo (e tardio) entendimento e ainda se resiste muito se admitir o espaço como componente social. Para tanto, se opõem a essas tentativas alguns dislogismos poderosos: positivismo, determinismo, espaço como sujeito etc.

Mas como negar que a cada relação social (unidade elementar que constitui qualquer organização social) além de mobilizarem-se as linguagens, as motivações econômicas, as psicossociais, as afetivas, a cultura, a política etc. é preciso, de modo incontornável, mobilizar-se para a fabricação de um espaço (na verdade, vários espaços, que permitem diversas espacialidades) que garanta o contato, sem o qual não há relação social. Reiterando: o espaço é uma dimensão da vida social produzida pelo ser humano sem a qual não há relação social. E assim ele o faz com objetivo de controlar a distância geográfica (“A distância é a questão central do espaço”- Jacques Lévy). Desse modo, não se pode considerar o espaço como algo externo às formas sociais com até hoje ainda se faz, com medo de se ser determinista.

Quanto maior o controle democrático (e isso é algo produto de uma forma social específica, que é a sociedade) das distâncias mais e diversas interações sociais. O contrário também faz muito sentido. Ao longo da história foram desenvolvidas formas diversas de controle da distância (mais ou menos eficazes, mais ou menos restritas - em termos de escala espacial -, mais ou menos abertas etc). Pode-se dizer que vários geotipos foram definidos tendo em vista sua maneira de realizar contatos. Esse fato ajuda a definir os próprios modos de vida. Assim, o mundo rural tradicional pode ser definido como aquele no qual a administração da distância geográfica é de baixa eficiência em vista do todo social. Daí certo isolamento geográfico com todas as suas conseqüências (econômicas, sociais, culturais etc). Ao mesmo tempo, no campo modernizado (Ribeirão Preto, áreas do Mato Grosso do Sul etc) aumentou-se significativamente a eficiência do controle da distância (ficou mais perto de tudo) ampliou sua interação com a cidade, com ela se confundiu e assumiu um conteúdo urbano.

E a cidade? Com o enfoque aqui dado ela se constitui numa das três fundamentais formas básicas de (especialmente) se realizar contatos. Essas formas não mudam há 5.000 anos: os meios de transportes, os de transmissão de informação e de comunicação e a cidade. Se as duas primeiras buscam percorrer as distâncias de forma eficiente, a última busca “eliminá-la” até chegar o mais próximo da distância zero e garantir o máximo possível de relações sociais. Assim a cidade se constitui numa fabulosa máquina relacional.